



MARIA FRANCISCA DA SILVA

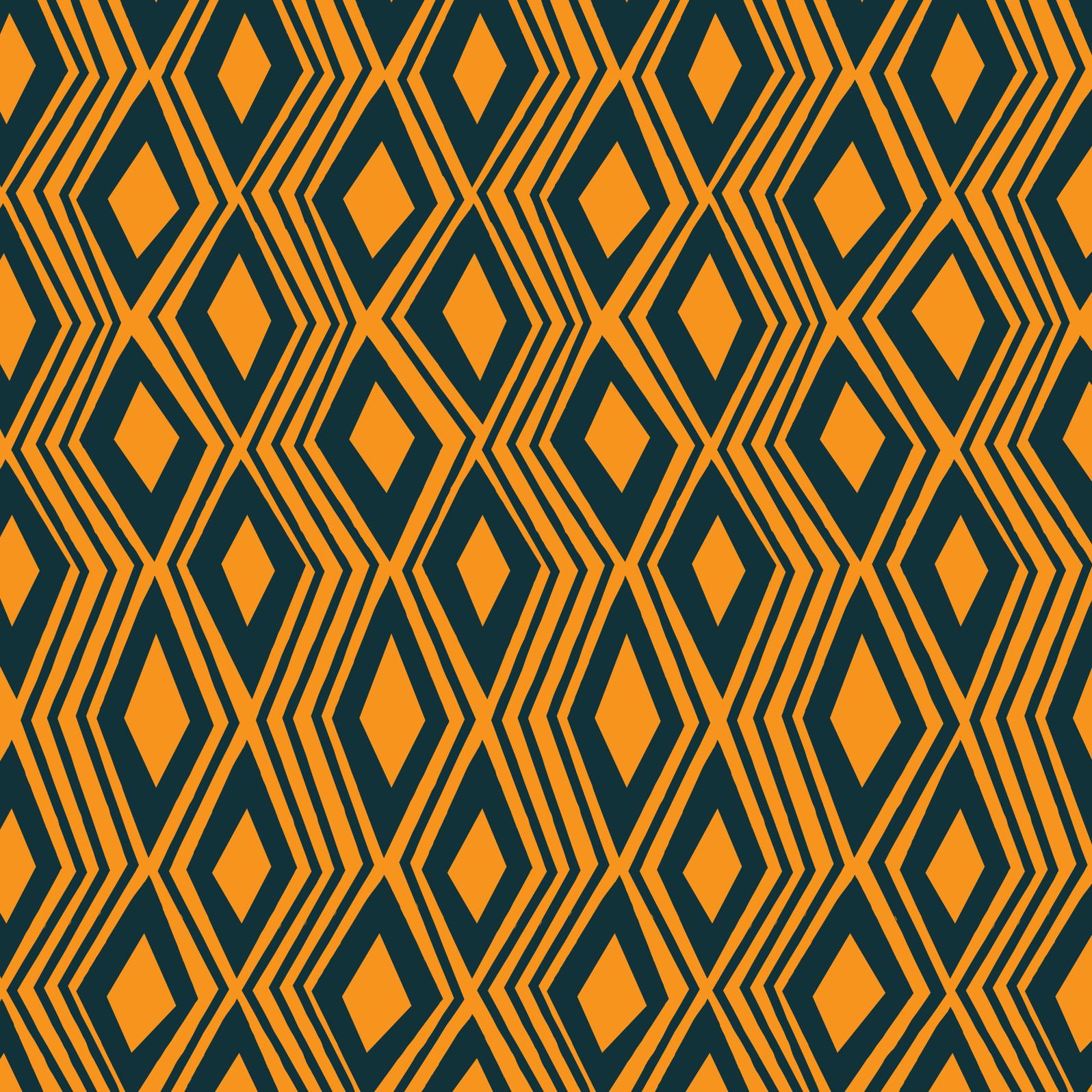
# Maria Francisca

a Temb  | Tenetehara  
líder do Jeju



**ABA** PUBLICAÇÕES

 **mórula**  
EDITORIAL





COLEÇÃO  
LIDERANÇAS  
TRADICIONAIS

**MARIA FRANCISCA DA SILVA**

# **Maria Francisca**

a Tembé | Tenetehara  
líder do Jeju

JANE FELIPE BELTRÃO

ROSANI DE FATIMA FERNANDES

CAMILLE GOUVEIA CASTELO BRANCO BARATA

RHUAN CARLOS DOS SANTOS LOPES (ORGS.)

**ABA** PUBLICAÇÕES

 **mórula**  
EDITORIAL

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA  
(GESTÃO 2015/2016)**

**PRESIDENTE**

Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)

**VICE-PRESIDENTE**

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

**SECRETÁRIO GERAL**

Sergio Ricardo Rodrigues Castilho (UFF)

**SECRETÁRIA ADJUNTA**

Paula Mendes Lacerda (UERJ)

**TESOUREIRA GERAL**

Andrea de Souza Lobo (UnB)

**TESOUREIRA ADJUNTA**

Patrícia Silva Osorio (UFMT)

**DIRETORES/AS**

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN)

Júlio Assis Simões (USP)

Patrice Schuch (UFRGS)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA  
(GESTÃO 2017/2018)**

**PRESIDENTE**

Lia Zanotta Machado (UnB)

**VICE-PRESIDENTE**

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

**SECRETÁRIO GERAL**

Cristhian Teófilo da Silva (UnB)

**SECRETÁRIA ADJUNTA**

Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF/UFPA)

**TESOUREIRO GERAL**

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos  
(UnB)

**TESOUREIRA ADJUNTA**

Rozeli Maria Porto (UFRN)

**DIRETORES/AS**

Claudia Turra Magni (UFPEL)

Fabio Mura (UFPB)

Lorenzo Macagno (UFPR)

Regina Facchini (Unicamp)

**COMISSÃO PROJETO EDITORIAL**

**COORDENADOR**

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

**VICE-COORDENADORA**

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Patrice Schuch (UFRGS)

Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)

**CONSELHO EDITORIAL**

Andrea Zhouiri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto(UNICAMP)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (UNIFESP)

Fábio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/ Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (UFAM)

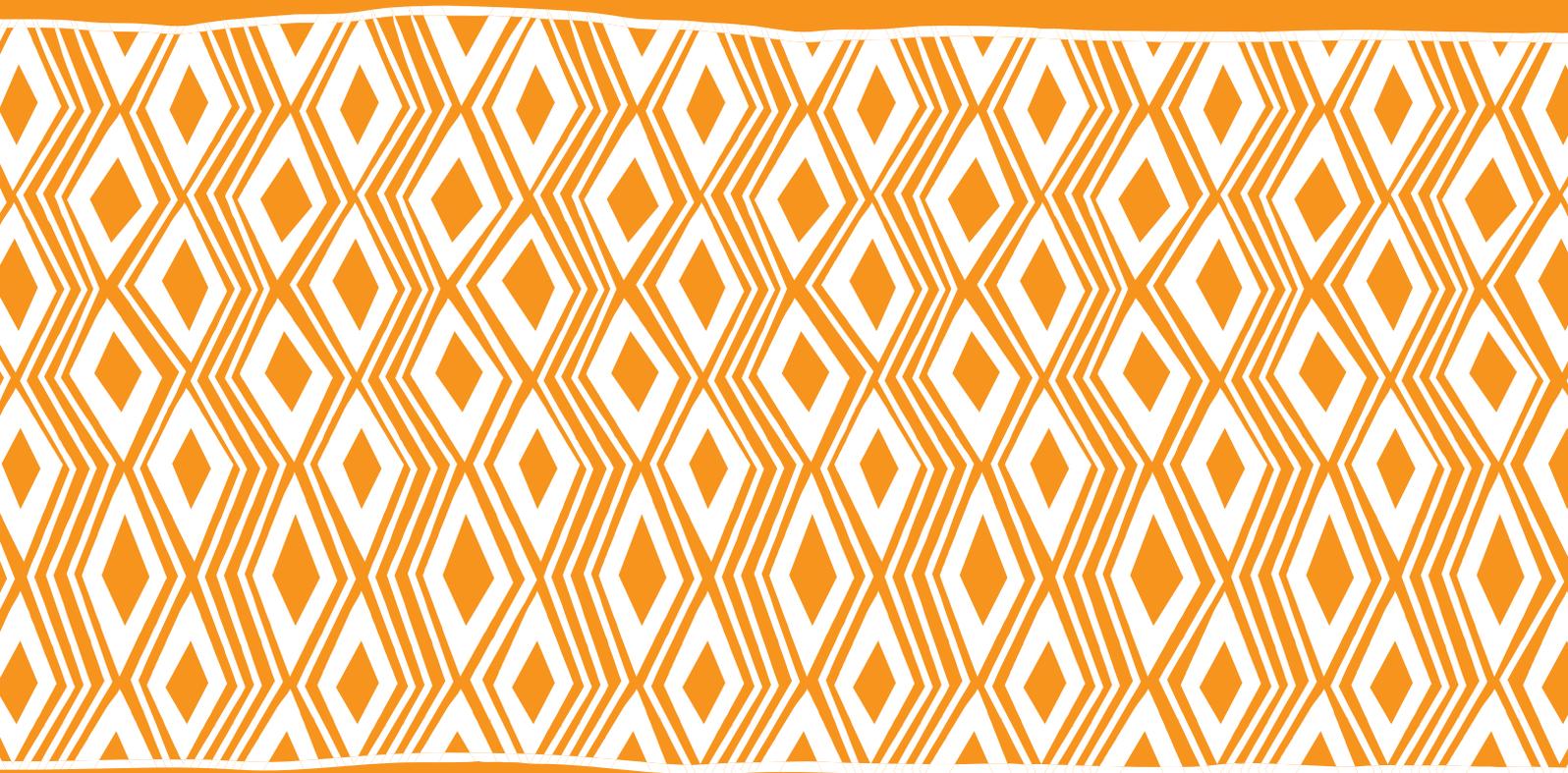
Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

# SUMÁRIO



- 05 *A Tenetehara* de fibra
- 06 A Capitoa do Jeju
- 07 Maria Francisca da Silva,  
líder entre os *Tembé Tenetehara* do Jeju
- 10 A aldeia Jeju
- 12 Sou Maria Francisca
- 14 Um lugar distante, quando o Prata  
não era mais a aldeia
- 16 Saúde pela tradição e desatenção  
do atendimento público
- 18 Outras formas de conhecer  
os *Tembé Tenetehara*
- 20 Sobre as/os organizadoras/es



## A Tenetehara de fibra

As histórias indígenas que se traz a público são alicerçadas pelo olhar de uma liderança de fibra, Maria Francisca da Silva, a capitoa dos *Tembé Tenetehara* que ao conceder entrevistas permite que a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), ofereça mais um livro da *Coleção Lideranças Tradicionais* ao público leitor.

As histórias de dona Maria podem parecer singelas, mas devem ser elogiadas, pois deixam um legado ímpar para as novas e futuras gerações *Tembé Tenetehara*, memórias de tempos difíceis amenizado pela luta dos guerreiros e guerreiras do povo que peleja para se manter altaneiro e respeitado.

Com a chegada de mais um paradidático da ABA, espera-se que o conhecimento faça diminuir o racismo perpetrado contra os povos indígenas e, que outras lideranças sejam “incentivadas” a apresentar suas versões de uma história que precisa ser conhecida pelo público, pois as escolas devem aos estudantes outras opções de conhecimento. Temos muito a aprender com a História dos povos indígenas, contadas por quem percorreu o caminho difícil e se fez historiador!

**Antonio Motta & Jane Beltrão**

EDITORES DO SELO ABA



## A Capitoa do Jeju

Por seis anos o projeto *Patrimônio, Diversidade Sociocultural, Direitos Humanos e Políticas Públicas na Amazônia Contemporânea* executado, por ocasião da cooperação, estabelecida entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), muitas lideranças tradicionais entre os povos indígenas foram ouvidas e observadas e, com elas aprendemos um pouco sobre a saga dos povos indígenas. A senhora Maria Francisca da Silva é uma dessas lideranças.

Elevada à condição de capitoa, sendo *Tenetehara* e mulher, precisa “ser de” e “ter” fibra, pois as dificuldades são grandes, especialmente quando a aldeia fica em meio ao mundo não indígena.

O livro, ora apresentado, traz um pouco da luta encabeçada por Dona Maria para manter os *Tembé Tenetehara* unidos e batalhando para manter o território indígena que há anos sofre esbulho.

Nossa expectativa é que o conhecimento das histórias da capitoa, incentive os mais jovens a cuidar da tradição e ensine aos não indígenas o respeito ao povo de pertença de Maria Francisca.

**Jane Felipe Beltrão & Antonio Carlos de Souza Lima**

COORDENADORES DO PROCAD, VICE-PRESIDENTE E PRESIDENTE DA ABA (GESTÃO 2012-2015-2016)

## Maria Francisca da Silva, líder entre os *Tembé Tenetehara* do Jeju

O que significa ser Capitoa? Não seria Capitão? Perguntou-nos certa vez um estudante em uma das muitas rodas de conversa sobre povos indígenas que costumamos participar e/ou promover. Trabalhando juntos há muitos anos, nos entreolhamos, e pensamos rapidamente como responder.

Optamos por contar um pouco sobre a História, pois entre os povos de origem Tupi, a chefia indígena era denominada Morubixaba chamamento que indicava aquele que liderava e detinha o poder de indicar as melhores decisões para a etnia.

Com a invasão europeia os colonizadores que não dominavam as línguas indígenas, passaram a chamar as chefias de Principal, na verdade os europeus, muitas vezes ignoravam as lideranças tradicionais e “nomeavam” alguém entre os coletivos indígenas que melhor atendessem aos negócios da Coroa portuguesa. Ou seja, os portugueses e os missionários, muitas vezes, interferiram na organização política dos povos indígenas produzindo conflitos.

O tempo foi passando e, no século passado (XX), com a instalação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), a influência dos militares que trabalhavam na agência, as chefias passaram a ser conhecidas como capitão, denominação de uma patente militar de boa posição. A prática instituída na Colônia pelos portugueses, continuou. Muitas vezes os povos indígenas não se submetiam, especialmente as chefias, ao regime do SPI e os funcionários do órgão nomeavam outros capitães.

Com o passar do tempo os povos indígenas adotaram a terminologia e passaram a chamar suas lideranças de capitão. As chefias são em geral exercidas por homens, poucas são as mulheres que exercem a chefia. Mas, os *Tembé Tenetehara* que vivem hoje no Pará tiveram ao longo de suas histórias mulheres na liderança.





O estudante ficou meio abismado com a explicação, pois não imaginava chefias indígenas de mulheres.

Dona Maria Francisca da Silva, algumas vezes, chamada dona Maria Cassiano é uma liderança entre os *Tembé Tenetehara*. É discreta, de pouco falar, mas presente nas assembleias é festejada e respeitada entre os seus liderados. Ouvida especialmente em momentos importantes, afinal é autoridade máxima na aldeia do Jeju.

Podemos dizer que a Capitoa Maria Francisca da Silva é uma liderança tradicional, escolhida pelos *Tembé Tenetehara* pela capacidade de liderar. Hoje, há inúmeras lideranças, estas mais políticas, no sentido de mediar as relações entre os indígenas e os não indígenas, exercida em geral por pessoas mais jovens, mas suas ações dependem da autoridade da Capitoa.

Vimos dona Maria, muitas vezes, em assembleias, em conversas com o Cacique Miguel Carvalho da aldeia Areal, e com outras lideranças do Povo *Tembé* de outras aldeias.

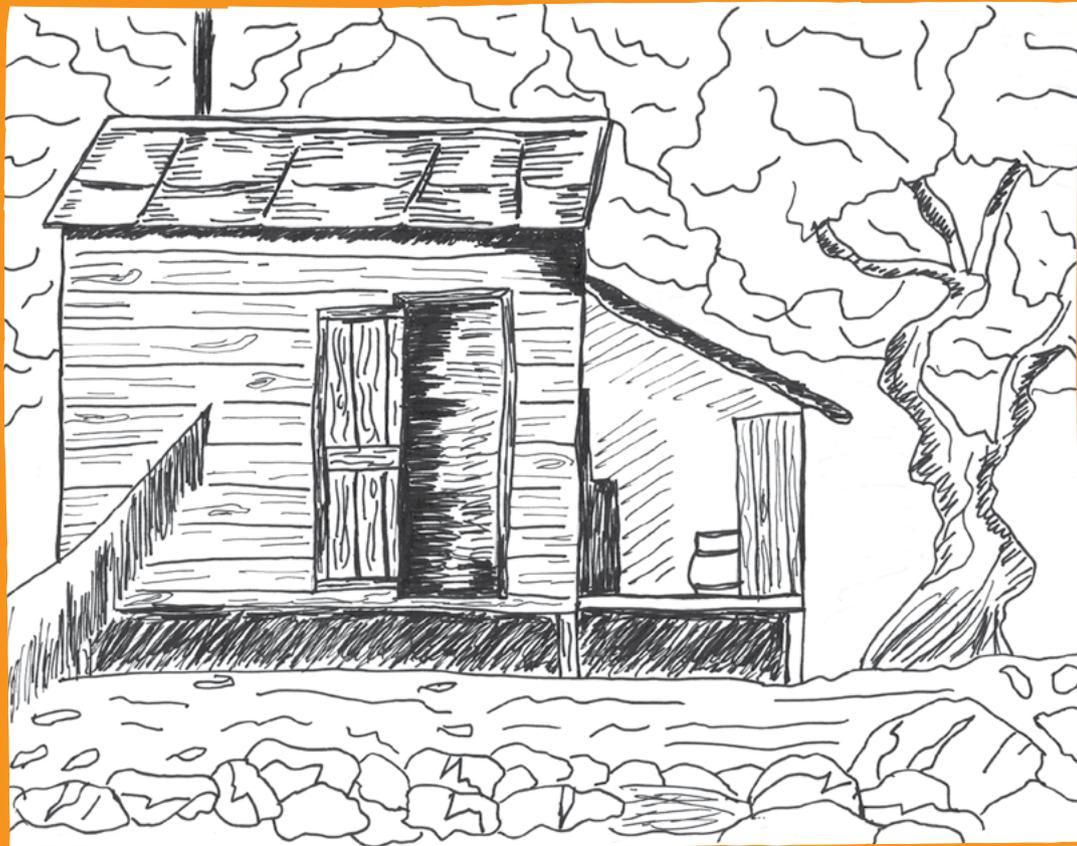
As histórias que trazemos a público foram contadas por dona Maria Francisca em duas oportunidades em que, Dona Judite Vital da Silva, outra liderança entre os *Tenetehara*, gentilmente, nos levou a casa da Capitoa e mediou as entrevistas.

Ouvimos em silêncio as histórias que dona Maria Francisca fez registrar, agora, pela importância da Capitoa decidimos homenageá-la com a inscrição de suas histórias em livro.

As histórias de dona Maria referem um tempo de perseguições e mostram aos demais porque ela é a Capitoa. Parecem tristes pelas dificuldades que ela escolheu relatar, mas importantes para a compreensão das situações que precisa enfrentar no dia-a-dia ao comandar os *Tembé Tenetehara*.

Aprender com a Capitoa é um privilégio, apropriem-se das histórias e pensem que a maior demanda de dona Maria Francisca requer de indígenas e não indígenas é respeito!

**Jane Felipe Beltrão, Rosani de Fatima Fernandes,  
Camille Gouveia Castelo Branco Barata & Rhuan Carlos dos Santos Lopes**  
ORGANIZADORES



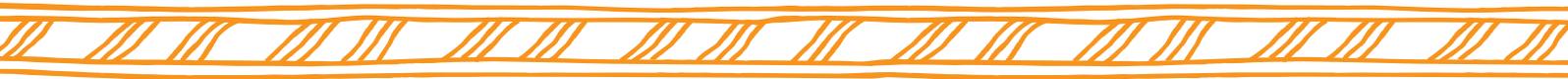
## A aldeia Jeju

A aldeia Jeju, liderada por Dona Maria Francisca da Silva fica distante cinco quilômetros da sede do município de Santa Maria do Pará e está localizada às margens da rodovia BR-316, no sentido Capanema a Bragança (municípios circunvizinhos de Santa Maria do Pará). De acordo com o censo realizado em 2014, pela *Associação Indígena Tembê de Santa Maria do Pará (AITESAMPA)*, possui 72 famílias e um total de 287 pessoas. Conforme explica Almir Vital da Silva: “... a maioria dos *Tembê* trabalha mesmo é na roça dos não indígenas, capinando, roçando... quando acontece de alguém adoecer, fica difícil, se compra comida fiado na venda para pagar quando puder voltar a trabalhar”.

Grande parte das famílias sobrevive em condições precárias pela falta de terra para o plantio, principal fonte de subsistência. Sem opções, as pessoas trabalham para os não indígenas, recebendo diárias como forma de pagamento do trabalho braçal. Algumas famílias fazem artefatos (artesanato) para comercialização. A capitoa, Dona Maria, é uma das pessoas experientes na produção de artefatos, mas a escassez de sementes, cipós, penas, entre outros materiais utilizados, tem causado a diminuição da produção, conforme nos explica a interlocutora.



A maioria dos *Tembê* trabalha mesmo é na roça dos não indígenas, capinando, roçando... quando acontece de alguém adoecer, fica difícil, se compra comida fiado na venda para pagar quando puder voltar a trabalhar”



Outras famílias sobrevivem dos recursos procedentes da venda de produtos oferecidos nas barracas instaladas às margens da rodovia, como é o caso da família de Almir e do seu tio, senhor Edimilson Jesus Moreira que comercializa frutas e produtos regionais como: cupuaçu, castanha-do-pará, banana e derivados de leite como coalhada e queijo. Alguns produtos são adquiridos no próprio município como a banana e o coco verde, enquanto a maioria das hortaliças e frutas é obtida na Central de Abastecimento do Pará (CEASA), na cidade de Belém. A lida (o trabalho) é puxada (difícil), pois os produtos são perecíveis e, se não vender, é prejuízo certo!

Algumas famílias possuem pequenas áreas que são chamadas ‘terreno’ ou ‘lote’, geralmente mais distantes de suas residências. São espaços de cultivo de produtos para subsistência e venda, como a mandioca, a macaxeira, o milho, o feijão, além do plantio de frutas — laranja, tangerina, abacaxi — e de hortaliças. Também, criam animais domésticos (cachorros, papagaios) e mantém criação de aves, além de suínos e algum gado bovino. A produção de farinha é outra atividade familiar e comunitária, mas, segundo indicam Seu Miguel Carvalho da Silva, antigo cacique da aldeia Areal e o próprio Almir, a atividade é desestimulada pelo alto custo de produção e pequena margem de lucro, além do que, a mandioca é comprada de terceiros, justamente pela falta de terras para o plantio, o que encarece os custos da produção.

No Jeju, há duas escolas de ensino fundamental, que são frequentadas pelas crianças da aldeia, as quais nem sempre são bem acolhidas, pois como ensina dona Maria, “os professores não gostam da pintura corporal *Tembé* e assim, alguns professores discriminam as crianças que aparecem pintadas, dizem que nossa pintura é coisa da besta fera (demônio), antes os meninos iam à escola até descalço, hoje é problema.”



Mesmo com dificuldades,  
o Jeju é pensado por seus  
moradores como recita  
Tainara de Souza Gomes

#### **MINHA VILA**

*A vila onde vivo  
É pequena, mas alegre  
Morar nela é divertido  
Falar mal ninguém  
se atreve  
O nome da minha  
vila é Jeju*

*Sempre brinco com  
meus amigos  
Na vila onde eu moro  
não tem perigo*

## Sou Maria Francisca

As pessoas acham que não existe índio louro, mas a minha mãe era loura e ela era índia. Meu pai era diferente, era moreno, cabelo preto, mas minha mãe lourinha, de cabelo liso. Meu pai era professor de música, e mesmo sendo professor, os filhos não aprenderam a fazer nem a letra “o”, não quiseram estudar. Ele era sabido, e muito.

O meu pai, era sábio, até demais, soube o dia exato que ele ia morrer. Ele mandou chamar todo mundo, fez um banquete, e informou que faria uma grande viagem. E, chegava gente, chegava gente, eu não sabia o que fazer, ‘tava sem entender nada. E todo mundo comendo, conversando, achando graça. Daí, ele disse que tinha chegado a hora, deitou na cama, ninguém achava que ele ia morrer, ‘tava bem, ‘tava alegre. Ele morreu no fim da tarde. Pense, mandou chamar todo mundo, toda a família ‘tava presente no dia.

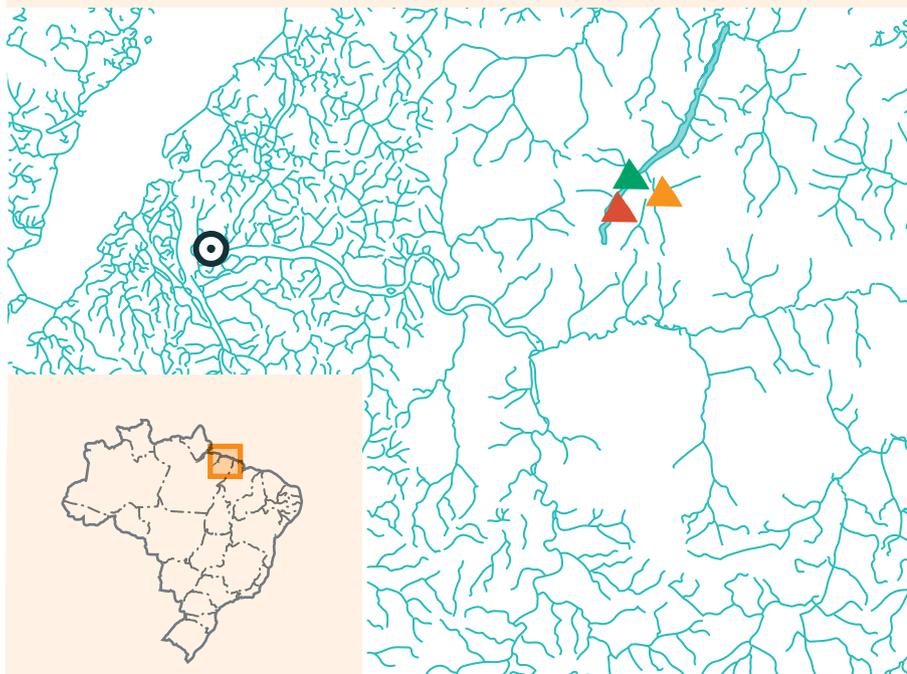
[ O registro nos pareceu relevante, visto que não é a primeira vez que se ouve um relato sobre o fato de pessoas indígenas, em geral homens, de preverem a própria morte. Ocorreu o mesmo com o pai da Dona Judite Vital da Silva. E o termo “uma grande viagem” aparece na narrativa de ambas as lideranças. O fato indica a “naturalidade” com que o fim da vida é recebido. ]



Meus parentes viviam próximos ao Prata, muito antes da chegada dos freis Capuchinhos que se instalaram lá na aldeia. Eu não conheci meus avós, mas pelo que contavam a minha mãe e os meus tios, sei que o Prata era a aldeia era um tempo que todos andavam nus. Era rapaz, moça quando o respeito era outro, naquele tempo não tinha maldade. A melhor pessoa para contar de lá é o Manuel Braz.

Aqui, no tempo bom, só tinha índio, mas foi chegando [pessoas não indígenas], chegando e tudo foi mudando. Muitos nasceram lá, era tudo aldeia. Depois foi que veio padre capuchinho, irmã (freira) todos que davam aula pros índios. Alguns dos antigos [moradores do Prata] ainda moram por lá e também por aqui. Os padres batizavam os índios que não eram batizados, casavam, ninguém era casado, mas eles vieram pra cá pra ensinar, batizar e casar.

## ALDEIAS TEMBÉ NO VALE DO RIO MARCANÃ



- ⊙ BELÉM
- HIDROGRAFIA

### ALDEIAS DO VALE DO RIO MARACANÃ

- ▲ PRATA
- ▲ AREAL
- ▲ JEJU

MAPA: RHUAN CARLOS LOPES  
FONTE: IBAMA, 2016.

# Um lugar distante, quando o Prata não era mais a aldeia

## COLÔNIA OU LAZARÓPOLIS DO PRATA

A Lazarópolis Santo Antônio do Prata começou a ser organizada em 1922 e foi inaugurada em 1924.

O objetivo de sua criação era o internamento obrigatório de toda pessoa portadora de hanseníase. Antes da sua existência, a área integrava o território do povo Tembé. O lugar até hoje é conhecido também como Colônia do Prata, pois a ideia dos governantes à época era estabelecer hospitais do tipo colônia agrícola em todos os estados brasileiros.

A instituição paraense funcionou até o fim da década de 1970, passando a ser a Vila Santo Antônio do Prata, no município de Igarapé-Açu, no Nordeste do Pará.

[ Dona Maria, moradora do Jeju e captoia da comunidade também narra os tempos em que o Prata era aldeia ]

A gente não sabia o que acontecia lá [na **Colônia do Prata**]. Os nossos pais só mandavam ficar longe, diziam pra todo mundo que não era pra se aproximar, porque tinha os doentes, né? A gente só ouvia as histórias, ... mesmo, mesmo! Que os doentes, e até os parentes da gente, eram pegos pelos doentes, no mato, pois eles matavam comiam e davam o fígado do morto para os outros doentes comerem. Assim se dizia... que a pessoa doente ficava boa! Boazinha sim! Tinha essa crença na época, que se comesse o fígado de gente sadia, a pessoa ficava boa da doença. Como chama mesmo a doença? Lepra? Nesse tempo, várias pessoas eram achadas mortas, no meio do mato e sem o fígado. Diziam que eram os doentes que matavam.

Por conta das mortes é que todos mundo veio embora expulso do Prata, daí então mentiram que não tinha ninguém no Prata e trouxeram os leprosos.

Os nascidos e criados lá com medo foram embora, deixaram pra trás criação de galinha, pato, peru, muito porco, até cavalo ficou. Ficou tudo, só levaram mesmo a roupa do corpo. É que quando se sai assim não se pode levar nada mesmo é só correria.

Nenhum *Tembé* pintou [foi contaminado] com a doença, graças a Deus não pintou em ninguém. Os doentes ficam lá.

[ Para entender melhor a usurpação do território *Tembé* pela instalação da Colônia do Prata, veja o quadro que se elaborou a respeito das ocupações, ao lado: ]

## REGISTRO CRONOLÓGICO DE ACONTECIMENTOS NO NÚCLEO INDÍGENA SANTO ANTONIO DO PRATA, DEPOIS COLÔNIA DO PRATA, HOJE, VILA DO PRATA

DATA	ACONTECIMENTO
14 de setembro de 1898	Colocação da Cruz e celebração da primeira Missa no então criado Núcleo Colonial Indígena Santo Antonio do Prata.
29 de setembro de 1898	Fundação do Instituto do Prata.
13 de junho de 1900	Colocação da pedra fundamental da igreja de Santo Antonio do Prata.
19 de abril de 1901	Frei Daniel de Samarate comunica as autoridades do Estado a ocorrência de revoltas por parte dos indígenas no Núcleo.
Ano de 1902	Mudança de nome de Núcleo Colonial Indígena Santo Antonio do Prata para Colônia Santo Antonio do Prata.
26 de outubro de 1903	Criação do Instituto da Criança Desvalida Santo Antonio do Prata.
28 de outubro de 1903	Pela Lei 877 de 28 de outubro de 1903, o Instituto da Infância Desvalida Santo Antonio do Prata passa a jurisdição da Secretaria de Estado da Justiça, Interior e Instrução Pública.
6 de janeiro de 1905	Instalação do Instituto Feminino na Colônia Santo Antonio do Prata.
Ano de 1907	Fundação do periódico semanal pelos Capuchinhos denominado <i>O Prata</i> , que posteriormente teve o nome mudado para <i>O Correio do Prata</i> . Em Ourém, as notícias circulavam pelo <i>O Alvorada</i> .
13 de novembro de 1907	Colocação da primeira pedra do Instituto Feminino.
7 de maio de 1908	Colocação da pedra fundamental da Capela de Santo Isidoro, padroeiro dos lavradores no sítio de mesmo nome que integrava a Colônia.
4 de outubro de 1909	Colocação da primeira pedra do Instituto Masculino.
27 de dezembro de 1910	Inauguração do Instituto masculino pelo então governador João Coelho.
10 de agosto de 1921	Instalação da Colônia Correccional.
30 de dezembro de 1922	Compra pela União da área de Santo Antonio do Prata para instalação do Lazarópolis — o primeiro nos moldes de colônia no Brasil.
24 de junho de 1923	Instalação do Lazarópolis do Prata.

FONTE: MUNIZ (1913B) E SOUZA ARAÚJO (1924).

## Saúde pela tradição e desatenção do atendimento público

### MUCURACAÁ

Conhecida como guiné, erva-de-guiné, erva-de-alho, erva-pipi, t ipi, amansa-senhor, caá é planta aromática muito usada, no Pará, em banhos cheirosos. Mas é usada como remédio, pois tem poder analgésico e anti-inflamatório, combate reumatismos, infecções genitais entre tantos outros usos. Raízes e folhas são bastante utilizadas pelos conhecedores da planta.

**Mucuracaá** (*Petiveria alliacea* L.) serve pra tudo, vocês não conhecem o poder do mucuracaá. Quando um parente teve lepra, a doença parou com o mucuracaá. Eu pego, coloco a planta dentro da garrafa de cachaça, enterro só com a boca pra fora, pra respirar. E deixa lá, pegando chuva e sol. Depois desenterra e dá pra pessoa beber. Depois disso ele viveu benzinho. Já tinha ficado com ferida, né, do início da doença. Mas, não piorou mais, ele viveu anos e bem!

Há muitos remédios, nem queiram saber o poder do magnésio! Quer viver bem, toma uma colher de magnésio por dia. ‘Tá com dor na barriga, é só tomar também. A pessoa que foi envenenada deve tomar logo o magnésio, que sai tudinho (o veneno se esvai).

Não tem mais planta medicinal aqui no meu quintal, antes eu tinha tudo aqui, as formigas acabaram com tudo. De uns tempos pra cá encheu tudo de formiga. Outro dia um moço pediu pra apanhar cacau na minha árvore, eu deixei e ele desceu desesperado, se ardendo de formiga. Não dá mais pra pegar nada.

Hoje em dia ninguém mais toma remédio caseiro. Foi acabando tudo por causa de formiga, mas também tem aquela história ... O pessoal que é evangélico condena o uso de nossos remédios. Antigamente, nossos pais eram pajés, saíam de casa em casa cuidando de quem ‘tava doente. Hoje em dia, todo mundo é evangélico ninguém quer mais saber, não. Ninguém mais toma remédio caseiro, feito por nós. É raro ver um pajé, hoje em dia, quase todos se tornaram evangélicos. E assim não se dedicam mais à cura segundo nossos preceitos.



[ Na sequência, Dona Maria aponta as dificuldades com o sistema de saúde existente no local ].

Antes só tinham três leitos no posto de Santa Maria. Hoje as pessoas reclamam, mas já foi muito pior. Eu tive que fazer uma operação uma vez, demorou dois anos pra conseguir, porque não vagava nenhum leito. Era uma operação no útero. Quando foram operar a enfermeira me anestesiou e perguntou se eu ainda ‘tava sentindo algo. Eu dizia: “Claro que estou, eu não ‘tô morta!”. Tem gente que é resistente, né? Ela aplicou a injeção duas vezes pra fazer efeito. Quando eu não sentia mais nada, falei: pode me cortar, que agora eu tô morta (não sinto nada). Ainda assim, a anestesia era para o corpo todo, mas só amorteceu a minha barriga, eu fiquei acordada, vi toda a operação. A enfermeira dizia: “... tem que cobrir o rosto dela! Ela não pode ficar vendo a cirurgia!” e eu respondia: “... não tem que cobrir nada, eu não ‘tô brincando de **cabra cega!** Eu quero ver o que ‘tá acontecendo comigo!”.

Tiraram de dentro de mim um objeto desse tamanho [assinala com as mãos], transparente, brilhante, duro feito pedra. Eu não sei o que era, tiraram do meu útero. Depois eu fiquei naquele leito. Tinha uma mulher do meu lado, que ela não tinha ninguém, não tinha família, ninguém ia visitar. Aí a gente levava comida pra ela todo dia, meus filhos traziam o rancho pra mim e pra ela. Até que um dia a cama dela começou a encher de formiga, um ninho de formiga subindo pelo braço, pelo rosto e ninguém fazia nada. Até que eu chamei a enfermeira e disse: “Vem cá, vocês vão deixar a cama dela desse jeito, é?! Não vão limpar a mulher, não?”. Aí que a enfermeira foi fazer a limpeza dela.

[ A narrativa de dona Maria mostra que diante da desatenção se fica tonto e, mesmo sobre uma cama se deve demandar direitos mínimos, é uma violência. ]

#### JOGO DA CABRA CEGA

É a denominação de uma brincadeira infantil, na qual os participantes apanham um lenço e vendam os olhos de um dos participantes e o fazem girar sobre si mesmo para ficar meio tonto. Os demais brincantes ficam em roda de mãos dadas, se esquivando das mãos da cabra-cega, pois o importante é tentar pegar um dos participantes, que precisa identificá-lo pelo tato, em meio a algazarra que os jogadores fazem. Identificado o colega, este assume o lugar da cabra-cega. E assim a brincadeira vai longe desafiando o conhecimento de quem ficou cabra-cega.



## Outras formas de conhecer os *Tembé Tenetehara*

Maria Francisca da Silva possui uma narrativa peculiar sobre o seu povo. Conta as histórias de forma discreta, mas deixa o leitor perceber as dificuldades de ser *Tembé* entre aqueles que não sendo *Tembé* não respeitam os direitos do seu povo.

Para complementar e ver outras formas de conhecer e respeitar os *Tembé* acrescentamos as referências que podem ajudar o leitor a conhecer um pouco mais o povo liderado por dona Maria, a Capitoa do Jeju.

BELTRÃO, Jane Felipe & LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2014. “Diásporas, homogeneidades e pertencas entre os *Tembé Tenetehara* de Santa Maria” In: *Aceno — Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. v. 1, p. 123-143. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/1610/pdf>.

BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos; CUNHA, Mainah Jailson Sampaio; MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré; DOMINGUES, William César Lopes & TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. 2015. “Vida e morte entre povos indígenas” In: *Espaço Ameríndio*. (UFRGS), v. 9, p. 206-238. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/54951>.

FERNANDES, Edimar Antonio; BELTRÃO, Jane Felipe & SILVA, Almir Vital. 2011. “Associação Indígena *Tembé* de Santa Maria do Pará (AITESAMPA): um relato sobre a luta por direitos étnicos” In: *Amazonica: Revista de Antropologia* (Online), v. 3, p. 392-406. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/774/1060>.

FERNANDES, Rosani de Fatima. 2015. “*Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará: formas de silenciamento étnico, resistências e luta por direitos” In: *Revista de Estudos Amazônicos*. v. 1, XIII, p. 214-249. Disponível em: [http://www.ufpa.br/historia/Estudos%20Amazonicos/Rosani\\_Fernandes.pdf](http://www.ufpa.br/historia/Estudos%20Amazonicos/Rosani_Fernandes.pdf).

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos & BELTRÃO, Jane Felipe. 2016. “Patrimônio histórico e memória social: entre indígenas e ex-internos na Vila Santo Antônio do Prata, Amazônia brasileira” In: *ContraCorrente, Revista de Estudos Literários e da Cultura*. v. 9, p. 1-15. Disponível em: <http://periodicos.uca.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/883/pdf>.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2015. “Os *Tembé/Tenetehara* de Santa Maria do Pará: entre representações e diálogos antropológicos” In: *Illuminuras* (Porto Alegre). v. 16, n. 38, p. 219-254. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/57438/34494>.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2016. “Políticas indigenistas na Amazônia brasileira e a resistência étnica dos *Tembé/Tenetehara* de Santa Maria do Pará” In: *Espaço Ameríndio* (UFRGS), v. 10, p. 162-193. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/66366>.



## SOBRE AS/OS ORGANIZADORAS/ES

### **Jane Felipe Beltrão**

Eleita, pelos Tembé Tenetehara, para escrever sua História, ouvir as lideranças do povo para fazer os registro que eles/as tanto desejavam. Por gostar de histórias e de trabalhar com povos indígenas ousa escrever livros para públicos que não se encontram na academia. Procura contribuir para o entendimento entre povos e tenta diminuir os preconceitos e combater o racismo, pois é antropóloga e historiadora. É professora titular na Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisadora junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **Rosani de Fátima Fernandes**

Educadora Kaingang, trabalha há muitos anos com a formação de professores/as indígenas e não indígenas para habilitá-los a conviver e respeitar a diversidade existente no Brasil. Deslocou-se de Santa Catarina , onde fica sua aldeia de origem para viver no Pará entre aldeias no Sudestes do estado. Para enfrentar, adequadamente, a luta pelos direitos dos povos indígenas tornou-se, de forma pioneira, mestre em Direito e doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituição em que atuou/a decisivamente para implantação das políticas afirmativas.





### **Camille Gouveia Castelo Branco Barata**

Desde os primeiros anos da graduação em Ciências Sociais trabalha juntos a povos indígenas e tradicionais, hoje escreve sobre estes importantes interlocutores na tentativa de amenizar a carga de preconceito que recai sobre eles/as, oferece oficinas de capacitação para formação de professores da rede pública do estado do Pará. Nas poucas horas de folga que consegue reservar no dia-a-dia, desenha e ilustra trabalhos, algumas de “suas artes” compõem a Coleção Lideranças Tradicionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Hoje, é mestranda em Antropologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

### **Rhuan Carlos dos Santos Lopes**

Paraense, nascido em Bragança no Nordeste do Pará, formou-se em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e decidiu dialogar diretamente com a Antropologia e Arqueologia, fez mestrado e doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e estágio no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). Hoje, atua em consultorias e é docente junto a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A experiência com a docência e o diálogo com povos tradicionais da Amazônia, levaram-no ao desafio de mediar o conhecimento acadêmico para diferentes públicos, por intermédio de textos, cursos e oficinas.





[www.portal.abant.org.br](http://www.portal.abant.org.br)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais

Térreo – Sala AT-41/29

Asa Norte – Brasília – DF

CEP: 70910-900

TELEFAX: (61) 3307-3754

REVISÃO

Patrícia Freitas

ILUSTRAÇÕES [ ANIMAIS – PP. 11, 37 E 41 ]

Camille Gouveia Castelo Branco Barata

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mórula Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S581m Silva, Maria Francisca da, 1949

Maria Francisca : a Tembê | Tenetehara líder do Jeju / Maria Francisca da Silva ;  
organização Jane Felipe Beltrão... [et al.]. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mórula, 2017.

24 p. : il ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-656-7969-5

1. Silva, Maria Francisca da, 1949. 2. Índias – Brasil – Biografia. I. Beltrão, Jane  
Felipe. II. Título.

17-44893

CDD: 980.41

CDU: 929(=87)(81)

---



COLEÇÃO  
**LIDERANÇAS  
TRADICIONAIS**



**ABA** PUBLICAÇÕES

 **mórula**  
EDITORIAL

PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

**PPGAS**  
MUSEU NACIONAL | UFRJ  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL

